

O ESTATUTO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PB E NO PE

THE VARIABLE STATUS OF THIRD-PERSON PLURAL VERB AGREEMENT
IN BRAZILIAN PORTUGUESE (BP) AND EUROPEAN PORTUGUESE (EP)

ALEXANDRE MONTE
Universidade Estadual Paulista
xmonte@uol.com.br

Investigamos a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). Os dados foram obtidos de uma amostra de língua falada da cidade de São Carlos, localizada no interior do Estado de São Paulo/Brasil, e de uma amostra de língua falada da cidade de Évora, situada no Alentejo, sul de Portugal. Adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2001, 2003). Na amostra do PB, encontramos 48,2% (686/1.422) de presença de concordância verbal. Já na amostra do PE, 93,1% (1.340/1.440) dos dados trazem a marca explícita de plural nos verbos. De acordo com a tipologia de regras apresentada por Labov (2003), podemos afirmar que no Português do Brasil a regra é efetivamente variável. No Português de Portugal, a regra é semicategórica. Diante dos nossos resultados, fica difícil negar a influência do massivo contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil.

Palavras-chave: Concordância verbal, Português brasileiro, Português europeu, Variação linguística

We investigated the variation in third-person plural verb agreement in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). Data were obtained from a sample of spoken language from the city of São Carlos, located in the State of São Paulo/Brazil, as well as a sample of spoken language from Évora, a city located in Alentejo, southern Portugal. We adopt the theoretical and methodological assumptions of the Theory of Language Variation and Change (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2001, 2003). In the BP sample, the use of verb agreement reached 48.2% (686/1422). On the other hand, in the EP sample, 93.1% (1340/1440) of the data bring the explicit plural marker in verbs. According to the typology of rules by Labov (2003), we can state that in Brazilian Portuguese the rule is actually variable. In European Portuguese, the rule is semi-categorical. Given our results, it is difficult to deny the influence of massive contact among languages in the sociolinguistic history of Brazil.

Keywords: Verb agreement, Brazilian Portuguese, European Portuguese, Linguistic variation

0. INTRODUÇÃO

O objetivo desta investigação é descrever a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no português falado na cidade de São Carlos, localizada no interior do estado de São Paulo/Brasil, e no português falado na cidade de Évora, situada no Alentejo, sul de Portugal, e discutir o estatuto dessa variação nas duas variedades.

Esse fenômeno começou a ser estudado no Brasil na década de setenta por Miriam Lemle e Anthony Naro e, desde então, inúmeros trabalhos já foram realizados em diversas comunidades de fala de nosso país. Já com dados do Português Europeu não há um grande número de estudos variacionistas que se ocupam da análise da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Encontramos os trabalhos de Carrilho (2003), Varejão (2006), Naro e Scherre (2007), Mota e Vieira (2008), Monguilhott (2009), Gandra (2009), Almeida (2010), Bazenga (2011), Rubio (2012), Vieira (2012) e Brandão e Vieira (2012). Os resultados das pesquisas realizadas com dados do Português Europeu (PE) revelam uma significativa diferença quantitativa em relação aos resultados das pesquisas realizadas com dados do Português Brasileiro (PB).

Diante da relevância do tema para a descrição do português em termos sociolinguísticos, especialmente para a interpretação das variedades europeia e brasileira, estabelecemos a seguinte questão de pesquisa: *Em que medida o estatuto variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural pode ser postulado para o PB e para o PE?*

Cabe, ainda, ressaltar que se trata do primeiro estudo sociolinguístico laboviano realizado com dados de fala da cidade de Évora, da Região Alentejana de Portugal. A cidade de São Carlos já possui um estudo sociolinguístico realizado por nós (*cf.* Monte, 2007), mas os dados aqui apresentados foram obtidos de uma nova amostra de língua falada, para uma comparação efetiva com os dados de Évora.

De acordo com Naro e Scherre (2007: 116), “estudos do uso da língua em seu contexto social em terras europeias se fazem necessários para que possam ser feitas comparações verdadeiramente comparáveis”. Além disso, sabemos que não se pode negar a importância de descrever a variação linguística do Português do Brasil e do Português de Portugal no maior número e diversidade de comunidades.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com Neves (2001: 34), um dos dois grandes marcos de alteração da história da consideração da gramática (e, por extensão, da norma), no Ocidente, ligado ao desenvolvimento da ciência linguística, foi

o aparecimento dos estudos variacionistas (sociolinguística), que passaram a vincular padrões a usos, usos a registros, registros a eficácia, com isso obtendo reverter a avaliação, no campo da atuação linguística, de diferença, como possível deficiência, para diferença, como garantia de eficiência de comunicação.

(Neves 2001: 34)

Nosso estudo foi realizado com base nos princípios da “Teoria da Variação e Mudança Linguística” (Weinreich, Labov e Herzog 1968; Labov 1972, 1994, 2001, 2003).

A Sociolinguística atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando os empregos concretos da língua. Os fenômenos de variação linguística são condicionados, não só por fatores

internos à estrutura linguística, mas também por fatores extralinguísticos, de natureza social, ligados ao próprio falante e à situação em que a comunicação se processa.

Incorporando a variação na descrição e na teoria linguísticas, Labov (1972, 1994, 2001, 2003) introduz alguns conceitos teórico-metodológicos de extrema importância para a análise de nosso objeto de pesquisa. Segundo o autor, todo sistema linguístico é dotado de um conjunto de regras que não podem ser violadas. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de ‘regras categóricas’ (i.e. regras linguísticas que sempre se aplicam). Mas, além das ‘regras categóricas’, existem as ‘regras semicategóricas’ e as ‘regras variáveis’.

No texto “Some Sociolinguistic Principles”, Labov (2003: 241-243) explica os três tipos de regras linguísticas e a frequência com que cada tipo de regra opera.

Tipo de regra	Frequência com que opera
I – Categórica	100%
II – Semicategórica	95-99%
III – Variável	5-95%

Quadro 1. Tipologia de regras apresentada por Labov (2003)

O conceito de ‘regra variável’ é utilizado para substituir a noção de regra opcional do Estruturalismo, na medida em que não pressupõe variação livre, mas, sim, sistemática.

As formas linguísticas em variação em uma determinada comunidade de fala são denominadas ‘variantes linguísticas’. Essas são definidas como formas alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto. Embora sejam idênticas em seu valor referencial, as variantes podem opor-se quanto ao seu significado social e/ou estilístico. Ao conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’. A concordância verbal no Português do Brasil, por exemplo, constitui precisamente uma ‘regra variável’, ou uma ‘variável linguística’, que abrange duas ‘variantes’: a presença ou a ausência de marca de plural no verbo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada com a língua falada na cidade de São Carlos, localizada no interior do Estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil, e com a língua falada na cidade de Évora, situada no Alentejo, sul de Portugal.

Escolhemos a cidade de Évora, em Portugal, por apresentar algumas características que se aproximam da cidade de São Carlos, no Brasil. Assim como São Carlos, Évora é uma cidade interiorana e universitária. Em termos populacionais, as duas são consideradas cidades de médio porte.

A cidade de São Carlos está localizada no centro geográfico do Estado de São Paulo¹. De acordo com o Censo 2010 do IBGE², a população de São Carlos é de 221.950 habitantes, sendo 213.061 na área urbana e 8.889 na área rural. São 108.914 homens e 113.036 mulheres.

¹ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de São Paulo conta com 645 municípios. A população do Estado de São Paulo, segundo o Censo 2010, é de 41,2 milhões de habitantes. No Brasil, os primeiros resultados definitivos, divulgados em novembro de 2010, apontaram uma população formada por 190.732.694 pessoas. Esses dados estão disponíveis em: www.ibge.gov.br.

² Dados obtidos do *site* www.ibge.gov.br.

O Concelho de Évora integra-se numa vasta planície que se estende ao sul de Portugal – a região do Alentejo³. De acordo com os resultados definitivos do Censo 2011 do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população residente de Évora é de 56.596 habitantes, sendo 26.831 homens e 29.765 mulheres.

Constituímos dois *corpora* semelhantes entre a cidade de São Carlos/SP (Brasil) e a cidade de Évora (Portugal). Cada *corpus* é composto de 18 entrevistas de aproximadamente uma hora de duração entre informante e documentador. Trabalhamos com seis células, sendo cada célula formada de três informantes, estratificados em função do gênero e da escolaridade⁴. São três homens e três mulheres não alfabetizados, três homens e três mulheres que estavam terminando o ensino fundamental/básico na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e três homens e três mulheres que estavam terminando o ensino médio/secundário regular. Vale informar que o ensino básico em Portugal corresponde ao ensino fundamental no Brasil. Já o ensino secundário corresponde ao ensino médio.

Abaixo, temos a distribuição dos informantes segundo escolaridade e gênero nas duas comunidades estudadas:

São Carlos (BRASIL)			
	Homens	Mulheres	Total
Não alfabetizados	3	3	6
Ensino Fundamental – EJA	3	3	6
Ensino Médio	3	3	6
Total	9	9	18

Quadro 2. Distribuição dos informantes segundo escolaridade e gênero em São Carlos/Brasil

Évora (PORTUGAL)			
	Homens	Mulheres	Total
Não alfabetizados	3	3	6
Ensino Básico – EJA	3	3	6
Ensino Secundário	3	3	6
Total	9	9	18

Quadro 3. Distribuição dos informantes segundo escolaridade e gênero em Évora/Portugal

Os quadros que apresentamos a seguir resumem as características dos nossos informantes de São Carlos (PB) e de Évora (PE):

³ A população residente no Alentejo, segundo os resultados definitivos do Censo 2011, é de 757.302 habitantes. Em termos regionais, a evolução demográfica da última década indica que a região do Alentejo volta a perder população, registrando uma diminuição de 19.283 pessoas face a 2001. É no Alentejo que se verifica a maior taxa de analfabetismo, com 9,6%. Os resultados definitivos do Censo 2011 estão disponíveis no *site* do Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).

⁴ A idade dos informantes não foi considerada uma variável independente, pois cada nível de escolaridade corresponde a uma determinada faixa etária. Os estudantes concluintes do ensino médio/secundário, por exemplo, estavam todos entre 17 e 18 anos.

Informantes de São Carlos (PB)			
Informante	Gênero	Idade	Escolaridade
Z	F	54 anos	não alfabetizada
I	F	66 anos	não alfabetizada
P	F	72 anos	não alfabetizada
T	M	38 anos	não alfabetizado
B	M	58 anos	não alfabetizado
R	M	59 anos	não alfabetizado
S	F	36 anos	Ensino Fundamental – EJA
U	F	42 anos	Ensino Fundamental – EJA
E	F	44 anos	Ensino Fundamental – EJA
C	M	31 anos	Ensino Fundamental – EJA
L	M	45 anos	Ensino Fundamental – EJA
O	M	46 anos	Ensino Fundamental – EJA
A	F	17 anos	Ensino Médio
J	F	17 anos	Ensino Médio
M	F	18 anos	Ensino Médio
V	M	17 anos	Ensino Médio
H	M	17anos	Ensino Médio
G	M	18 anos	Ensino Médio

Quadro 4. Resumo das características dos informantes de São Carlos/Brasil

Informantes de Évora (PE)			
Informante	Gênero	Idade	Escolaridade
M	F	79 anos	não alfabetizada
B	F	80 anos	não alfabetizada
G	F	91 anos	não alfabetizada
W	M	71 anos	não alfabetizado
J	M	78 anos	não alfabetizado
R	M	84 anos	não alfabetizado
N	F	40 anos	Ensino Básico – EJA
L	F	42 anos	Ensino Básico – EJA
C	F	46 anos	Ensino Básico – EJA
P	M	23 anos	Ensino Básico – EJA
U	M	33 anos	Ensino Básico – EJA
F	M	53 anos	Ensino Básico – EJA
E	F	17 anos	Ensino Secundário
I	F	17 anos	Ensino Secundário
T	F	18 anos	Ensino Secundário
O	M	17 anos	Ensino Secundário
H	M	17 anos	Ensino Secundário
D	M	18 anos	Ensino Secundário

Quadro 5. Resumo das características dos informantes de Évora/Portugal

As entrevistas sociolinguísticas com os informantes, tanto em São Carlos quanto em Évora, foram realizadas por nós de modo que se aproximassem da língua falada do dia a dia.

Feitas todas as transcrições das entrevistas, os dados foram levantados e, após a codificação conforme as variáveis linguísticas e sociais estabelecidas, submetidos ao programa estatístico Goldvarb-X, que realiza uma análise multivariada (cf. Tagliamonte 2006, 2007). O Goldvarb-X efetua a seleção das variáveis (ou grupos de fatores) estatisticamente significativas. Além da ordem de seleção das variáveis, outra evidência que podemos utilizar para interpretar a força de cada variável é o *range*⁵.

A presente investigação contempla o estudo da concordância verbal com sujeitos/SNs de estrutura simples e complexa de 3ª pessoa do plural.

3. ANÁLISE E RESULTADOS

Em Évora (PE), encontramos um índice muito alto de frequência de concordância verbal de terceira pessoa do plural na amostra considerada. Do total de 1.440 ocorrências, apenas 100 (6,9%) trazem a variante zero de plural nos verbos, sendo que 1.340 (93,1%) apresentam a marca explícita de plural nos verbos, ou seja, a concordância verbal.

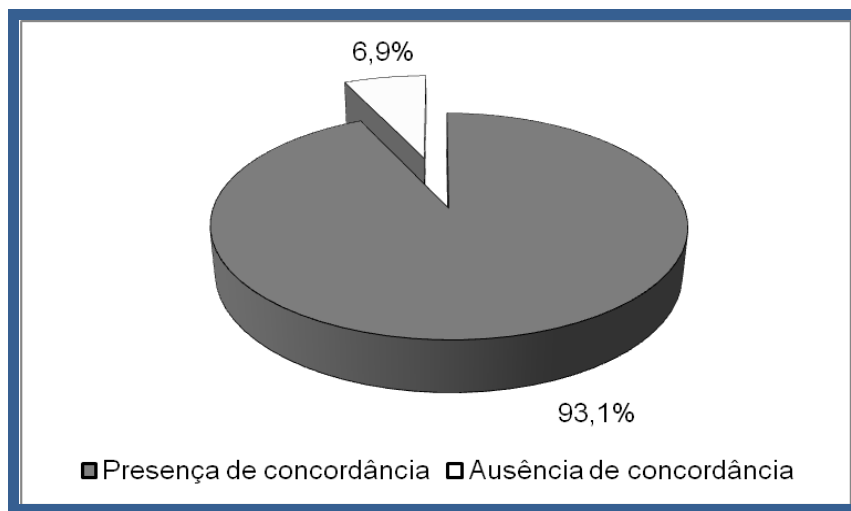


Gráfico 1. Distribuição geral dos dados do PE

No PE, não foram todas as variáveis linguísticas e sociais selecionadas. Das oito variáveis linguísticas controladas, cinco se mostraram relevantes no condicionamento da variação: (1) posição do sujeito/SN em relação ao verbo; (2) traço semântico do sujeito/SN; (3) tipo estrutural do sujeito/SN; (4) tipo de verbo (verbo 'ser' *versus* outros verbos) e (5) saliência fônica verbal. Dos dois grupos de fatores sociais, o gênero foi selecionado.

⁵ O *range* é calculado pela diferença entre o peso relativo mais alto e o peso relativo mais baixo. Quando estes números são comparados para cada grupo de fatores em uma análise, o valor maior (o *range*) identifica a restrição mais forte. [...] O *range* (ou a magnitude do efeito) nos permite situar um grupo de fatores em relação a outro. (Tagliamonte 2006: 242, tradução Naro e Scherre 2010).

A amostra de São Carlos (PB) é composta de 1.422 ocorrências de terceira pessoa do plural, com 686 ocorrências (48,2%) apresentando a marca formal de plural nos verbos e 736 (51,8%) ocorrências sem a marca formal de plural nos verbos.

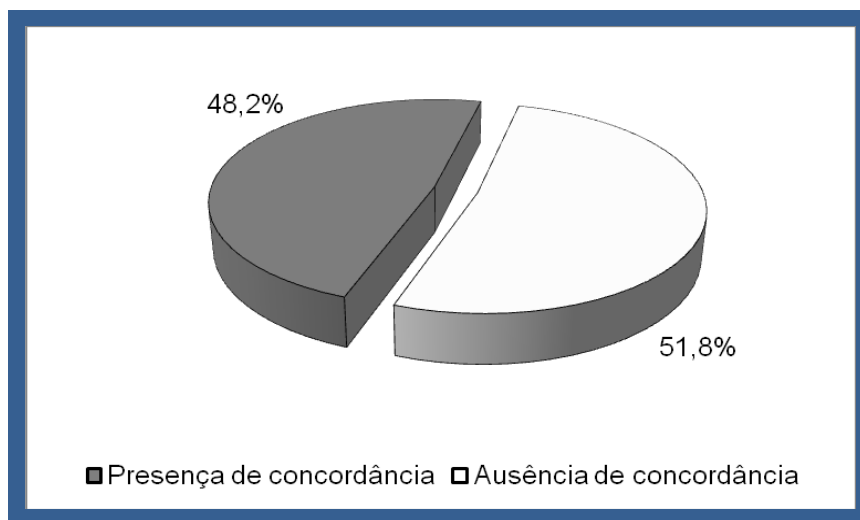


Gráfico 2. Distribuição geral dos dados do PB

Na análise dos resultados do PB, todas as variáveis linguísticas e sociais revelaram-se estatisticamente significativas no condicionamento da regra variável de concordância verbal, a saber: (1) saliência fônica verbal; (2) tipo estrutural do sujeito/SN; (3) paralelismo formal no nível oracional; (4) posição do sujeito/SN em relação ao verbo; (5) traço semântico do sujeito/SN; (6) tipo de verbo (verbo 'ser' *versus* outros verbos); (7) distância entre o sujeito/SN e o verbo em número de sílabas; (8) presença ou ausência do 'que' relativo ou complementizador; (9) escolaridade e (10) gênero.

Apresentamos, a seguir, apenas as variáveis que foram selecionadas igualmente nas amostras do PB e do PE, além da variável escolaridade, que obteve significância estatística somente na amostra do PB.

► Grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural

O princípio da saliência fônica foi proposto por Lemle e Naro (1977) nos primeiros estudos sociolinguísticos sobre o tema. No nosso trabalho, estamos utilizando a escala de saliência fônica que foi reformulada por Naro em 1981, tendo em vista que muitos dos trabalhos desenvolvidos após essa data utilizam a escala reformulada, que pode ser vista em Naro e Scherre (1999).

A escala compreende dois níveis (conforme a intensidade dos segmentos fonéticos que realizam a oposição), e seis classes (conforme a crescente diferença material entre as formas verbais do singular e do plural):

NÍVEL 1 (oposição não marcada / menos saliente): contém os pares cujos segmentos fonéticos que estabelecem a oposição são não marcados (são inacentuados e estão em sílaba átona) em ambos os membros.

1a: envolve nasalização sem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*conhece/conhecem, vive/vivem, sabe/sabem*)

1b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (*ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam*)

1c: envolve acréscimo de segmento na forma plural (*faz/fazem, quer/querem; diz/dizem; traz/trazem*)

NÍVEL 2 (oposição marcada / mais saliente): contém os pares cujos segmentos fonéticos que estabelecem a oposição são marcados (são acentuados) em pelo menos um membro da oposição.

2a: envolve ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural (*está/estão; dá/dão; vai/vão*)

2b: envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (*viu/viram, foi/foram, bateu/bateram*)

2c: envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (*veio/vieram; disse/disseram; é/são*)

A expectativa do efeito da saliência fônica foi estabelecida por Lemle e Naro (1977): quanto maior for a diferença entre as formas verbais do singular e do plural, maior será a probabilidade de realização da concordância e, por outro lado, quanto menor essa diferença, menor a chance de realização da concordância.

A saliência fônica foi a variável estrutural mais relevante na análise com os dados do PB e foi selecionada em quinto lugar na análise com os dados do PE. Observa-se, na tabela seguinte, que o *range* é mais alto (716) na variedade brasileira.

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Nível 1				
- 1a (<i>vive/vivem</i>)	30/89 = 33,7%	0,142	119/130 = 91,5%	0,299
- 1b (<i>fala/falam</i>)	186/613 = 30,3%	0,224	536/581 = 92,3%	0,380
- 1c (<i>quer/querem</i>)	21/55 = 38,2%	0,213	86/88 = 97,7%	0,427
Nível 2				
- 2a (<i>vai/vão</i>)	117/187 = 62,6%	0,723	147/154 = 95,5%	0,477
- 2b (<i>bateu/bateram</i>)	73/125 = 58,4%	0,805	81/86 = 94,2%	0,637
- 2c (<i>teve/tiveram</i>)	259/353 = 73,4%	0,858	371/401 = 92,5%	0,724
Total	686/1.422 = 48,2%	Range 716	1.340/1.440 = 93,1%	Range 425

Tabela 1. Frequência e peso relativo de concordância verbal conforme o grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural, na amostra do PB e do PE

A escala da saliência fônica na sua primeira dimensão (oposição não marcada, desfavorecendo a concordância, vs. oposição marcada, favorecendo a concordância) é mais nítida para os dados do Português Brasileiro. O salto do nível 1 para o nível 2 é muito

significativo nessa variedade. Já no PE, a passagem do nível 1 para o nível 2 não é tão demarcada.

Além disso, os valores mostrados na tabela 1 evidenciam claramente a diferença quantitativa na variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no PB e no PE. Destacamos essas diferenças nas três categorias do primeiro nível. Há uma diferença de 57,8 pontos percentuais na primeira categoria da oposição não marcada (*vive/vivem*) entre as duas variedades. Seguindo a escala, a diferença na segunda categoria (*fala/falam*) entre o PB e o PE é de 62 pontos percentuais. E na última categoria da oposição não marcada (*quer/querem*), a diferença entre as duas variedades é de 59,5 pontos percentuais.

► Tipo estrutural do sujeito/SN

A proposta do grupo de fatores tipo estrutural do sujeito/SN se baseia nos estudos de Rodrigues (1987), Naro e Scherre (2000), Scherre e Naro (2000), Monguilhott (2009) e Rubio (2012). Controlamos nove formas de representação do sujeito/SN.

a) Pronome vocês

- (1) cêis **tão** ficano doído... (F0PB)⁶
- (2) vocês só **pagam** a uma pessoa que faz duas funções... (F2PE)

b) Pronome pessoal ‘eles/elas’

- (3) eles **agrediram**... o autocarro do Benfica com sacos cheios de tinta azul... (M1PE)
- (4) elas **terminaram** o terceiro (M1PB)

c) SN pleno simples

- (5) **foi os bandidos** (M1PB)
- (6) mas os meus pais **tinham** comércio em Valverde... (F1PE)

d) SN pleno nu

- (7) peessoas que **enrola** elas (F1PB)
- (8) também às vezes lá **morava** peessoas... (F0PE)

e) SN pleno composto

- (9) daqui mais uns anos os ciganos e os tenderos e os pretos... **tomam** conta do/ da Europa... (M1PE)
- (10) meu pai minha mãe sempre **pegaram** no nosso pé (F2PB)

f) Numeral (como núcleo ou adjunto)

- (11) as duas **são** casada (F0PB)
- (12) **existem** três clubes aqui... em Portugal (M2PE)

g) Quantificador indefinido

- (13) uns **trabalhava** na construção civil (M0PE)
- (14) muitos... **prefere** mulheres assim (F1PB)

h) Pronome demonstrativo

- (15) os que **aprendeu** mais os mai novo né?... (M0PB)
- (16) aqueles que **dizem** que não... (M2PE)

i) Sujeito nulo

- (17) entretanto *eles* não **apareceram** e \emptyset nem **disseram** nada... (F1PE)
- (18) *eles* **gostaram** dela... \emptyset **perguntaram** se ela te/teria alguém que mora em São Paulo (M2PB)

⁶ A codificação que segue os exemplos indica as seguintes informações sobre o/a informante: a primeira letra refere-se ao sexo (F – feminino ou M – masculino); a segunda à escolaridade (0 – não alfabetizado/a, 1 – formação supletiva (EJA) ou 2 – ensino médio/secundário) e as duas últimas à variedade do português (PB – português brasileiro ou PE – português europeu).

Há uma contradição nas hipóteses estabelecidas em alguns trabalhos. Por exemplo, espera-se que o sujeito nulo favoreça a concordância, pois se o sujeito não se encontra explícito na frase, a flexão não é redundante e tende a ser utilizada. Já o sujeito explícito, ‘eles/elas’ por exemplo, levaria ao uso de formas verbais não marcadas, pois a perda da informação causada pelo apagamento da desinência número-pessoal dos verbos é compensada pelo uso do pronome lexical. Outros trabalhos mantêm a hipótese em relação ao sujeito nulo, mas criam outra expectativa em relação ao sujeito pronominal ‘eles/elas’, pois dificilmente vai ocorrer à direita do verbo.

O grupo de fatores tipo estrutural do sujeito/SN foi selecionado em terceiro lugar nas duas amostras. Nesse grupo de fatores, a variedade europeia apresenta o *range* mais alto (608).

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
– Pronome <i>vocês</i>	14/19 = 73,7%	0,583	8/8 = 100%	–
– Pronome pessoal <i>eles/elas</i>	311/503 = 61,8%	0,565	168/169 = 99,4%	0,805
– Numeral (núcleo ou adjunto)	37/125 = 29,6%	0,660	76/85 = 89,4%	0,664
– Sujeito nulo	162/350 = 46,3%	0,500	506/526 = 96,2%	0,527
– Pronome demonstrativo	3/10 = 30,0%	0,123	35/37 = 94,6%	0,462
– Quantificador indefinido	39/83 = 47,0%	0,306	72/78 = 92,3%	0,436
– SN pleno simples	95/284 = 33,5%	0,400	390/436 = 89,4%	0,370
– SN pleno nu	14/22 = 63,6%	0,540	71/84 = 84,5%	0,294
– SN pleno composto	11/26 = 42,3%	0,309	14/17 = 82,4%	0,197
Total	686/1.422 = 48,2%	<i>Range</i> 537	1.340/1.440 = 93,1%	<i>Range</i> 608

Tabela 2. Frequência e peso relativo de concordância verbal de acordo com o tipo estrutural do sujeito/SN, na amostra do PB e do PE

Uma semelhança que encontramos nas duas variedades é o pronome ‘vocês’, o pronome pessoal ‘eles/elas’ e o numeral (núcleo ou adjunto) favorecendo a concordância verbal. Mas as diferenças em termos de frequência, em todos os fatores, são bem marcadas. Como se vê, há o uso praticamente categórico da regra de concordância com o pronome ‘ele/elas’ (99,4%), na amostra do PE. O mesmo não ocorre no PB, mas ainda assim é uma das categorias com o maior índice de concordância verbal (61,8%). Destacamos as diferenças nas categorias com pronome demonstrativo e com SN pleno nu. Na variedade brasileira, o pronome demonstrativo aparece desfavorecendo a concordância verbal (0,123) e, na variedade europeia, se encontra em uma faixa intermediária (0,462). O SN pleno nu preserva mais a marca de plural no verbo no *corpus* do PB (0,540) do que no *corpus* do PE (0,294).

Uma das diferenças que é sempre apontada entre o Português Brasileiro e o Português Europeu é o uso mais frequente de pronomes na função de sujeito. O número de ocorrências nas duas amostras estudadas revela essa tendência. São 503 dados de pronome ‘eles/elas’ na

amostra do PB, que correspondem a 35,4%, contra 169 dados na amostra do PE, que correspondem a 11,7%. Já o uso de sujeito nulo é maior na variedade europeia. São 526 dados na amostra do PE contra 350 dados na amostra do PB, que correspondem a 36,5% e 24,6%, respectivamente.

► Posição do sujeito/SN em relação ao verbo

Os pioneiros no estabelecimento dessa variável foram Lemle e Naro (1977). Os pesquisadores postularam o princípio da saliência posicional, ou seja, as relações sintáticas entre sujeito/SN e verbo ficam mais salientes quando o sujeito/SN determinante e controlador da concordância verbal antecede o verbo determinado e candidato à concordância.

a) sujeito/SN anteposto:

- (19) houve lá peessoas que **arranjaram** lá muito dinheiro... (MOPE)
 (20) na época que eles **faleceru** eu era novinho... (MOPB)

b) sujeito/SN posposto:

- (21) também às vezes lá **morava** peessoas... (FOPE)
 (22) na Santa Felícia **morria** três... dois por noite... (MIPB)

Para o PE, a posição do sujeito em relação ao verbo foi o primeiro grupo de fatores selecionado e, para o PB, foi o sexto a ser selecionado pelo programa Goldvarb-X.

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
– sujeito/SN anteposto	481/912 = 52,7%	0,613	680/715 = 95,1%	0,581
– sujeito/SN posposto	43/160 = 26,9%	0,068	154/199 = 77,4%	0,237
Total	524/1.072 = 48,9%	Range 545	834/914 = 91,2%	Range 344

Tabela 3. Frequência e peso relativo de concordância verbal em função da posição do sujeito/SN em relação ao verbo, na amostra do PB e do PE

Como podemos notar, a contribuição dessa variável para a explicação da variação é bastante relevante nas duas amostras. No PB, foi selecionada em sexto lugar, como já informamos, mas o *range* é mais alto (545), comparado ao *range* dessa variável na amostra do PE (344).

Brandão e Vieira (2012) analisaram 1.515 dados de construções de 3ª pessoa do plural de um *corpus* da região metropolitana de Lisboa e encontraram apenas dezessete dados sem a marca de concordância verbal (1,1%). Da análise qualitativa que fizeram desses dados, as autoras concluem que “as construções com sujeito posposto constituem, na realidade, um dos poucos contextos estruturais, amplamente debatido na literatura, em que as três variedades igualmente registram casos de cancelamento da marca de número plural” (2012: 1056)⁷.

⁷ As três variedades mencionadas se referem ao Português de Portugal, do Brasil e de São Tomé.

► Traço semântico do sujeito/SN

Esse grupo de fatores foi estabelecido por Scherre e Naro (1998). Assim como os autores, estabelecemos a hipótese de que o sujeito/SN com o traço semântico [+ humano] favorece a presença da concordância verbal e o sujeito/SN com o traço semântico [- humano] favorece a ausência de concordância.

Além desses dois traços semânticos, também controlamos a animacidade (*cf.* Vieira 1995, Gameiro 2009; Rubio 2008, 2012). As categorias consideradas para essa variável são as seguintes:

a) **SN [+ humano / + animado]**

- (23) as pessoas **fogem** do campo... (M1PE)
 (24) os locutores daqui **vão** pra Ribeirão Preto (F2PB)

b) **SN [- humano / + animado]**

- (25) porque::: tenho pena dos cavalos... porque eles **vão** pra lá (FOPE)
 (26) os passarinho **cantava**... (F0PB)

c) **SN [- humano / - animado]**

- (27) ahn... não **é** os clubes... não conheço muitos clubes brasileiros... (M2PE)
 (28) até os brinquedo **era** diferente né? (M1PB)

Na tabela a seguir, podemos observar a relevância estatística do grupo de fatores traço semântico do sujeito/SN na amostra do PB e do PE.

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
- SN [+ humano / + animado]	656/1.284 = 51,1%	0,522	1.082/1.130 = 95,8%	0,555
- SN [- humano / + animado]	0/24 = 0,0%	–	28/31 = 90,3%	0,438
- SN [- humano / - animado]	30/114 = 26,3%	0,274	230/279 = 82,4%	0,295
Total	686/1.422 = 48,2%	Range 248	1.340/1.440 = 93,1%	Range 260

Tabela 4. Frequência e peso relativo de concordância verbal em função do traço semântico do sujeito/SN, na amostra do PB e do PE

Esse grupo de fatores foi o sétimo selecionado para a amostra do PB, com um *range* não muito alto (248). No PE, foi selecionado como estatisticamente relevante em segundo lugar, mas apresentou o segundo menor *range* (260).

O que vemos nos resultados da Tabela 4 é o traço semântico [+ humano] favorecendo a realização da concordância e os sujeitos/SNs inanimados favorecendo a ausência de concordância.

No fator intermediário, SN [- humano / + animado], a hipótese foi confirmada apenas no PE. No PB, ocorreu o uso categórico de não concordância. Há um indício de que o traço [humano] é mais relevante do que o traço [animado]. Mas temos de relativizar essa análise, levando em consideração os poucos dados na categoria e o fato de não ter ocorrido esse SN na fala dos informantes do nível mais alto de escolaridade.

Scherre e Naro (1998) ampliam a hipótese da saliência para o nível semântico. O traço semântico [+ humano] é mais saliente do que o traço semântico [- humano]. Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009: 354), “o favorecimento da concordância verbal quando o sujeito se refere a seres humanos está ligado à ideia de *agente*. Aquele que pratica a ação relaciona-se diretamente à ação, logo o verbo tenderia a concordar mais com ele”.

► Tipo de verbo: verbo ‘ser’ *versus* outros verbos

Em alguns trabalhos com dados do PE (*cf.* Mota e Vieira 2008; Gandra 2009; Vieira 2012; Brandão e Vieira 2012), as construções com o verbo ‘ser’ são apontadas como desfavorecedoras da concordância verbal. Já no trabalho de Varejão (2006), a hipótese de que o verbo ‘ser’ favoreceria o cancelamento da marca de plural não se confirmou.

Assim como relata Varejão (2006), em várias etapas do nosso trabalho – durante as entrevistas, na fase de transcrição e levantamento dos dados – parecia-nos que o verbo ‘ser’ apresentava comportamento diferente dos demais verbos, principalmente no PE. Por esse motivo, resolvemos controlar o verbo ‘ser’ separadamente nas duas amostras. Foram consideradas duas categorias:

a) verbo ‘ser’

- (29) **era** aquelas mesona daqui lá grandona né?... (F0PB)
 (30) o ano passado... as obras obrigatórias **foi** A Relíquia de Eça de Queirós... e::: ... A Relíquia... uhn... ah... o Sermão de Santo Antonio aos peixe do Padre António Vieira... .. e::: ... não sei... já não ah e o Frei do Luís de Sousa... Frei Luís de Sousa... (F2PE)

b) outros verbos

- (31) os de cá de Évora **tão** na de honra acho eu... (referente: jogadores de rugby) (M2PE)
 (32) alguns professores até **ficavam** meio chateados... (M2PB)

O ‘ser’ é um verbo complexo que normalmente ocorre em várias construções da língua portuguesa. Encontramos o verbo ‘ser’ em sentenças atributivas, equativas e apresentacionais. É importante lembrar que incluímos na nossa análise o verbo ‘ser’ em estruturas clivadas, pseudoclivadas, em orações com valor existencial e nas designações de tempo, distância, quantidade, valor. Sendo assim, a hipótese que norteou esse grupo de fatores é a de que o verbo ‘ser’ favoreceria a ausência de concordância verbal.

O grupo de fatores tipo de verbo (verbo ‘ser’ *versus* outros verbos) foi selecionado nas duas amostras, mas com comportamento diferente. No PB, ficou em oitavo lugar com o menor *range* (157) e, no PE, foi selecionado em quarto lugar com o quarto maior *range* (339).

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
– verbo ‘ser’	118/218 = 54,1%	0,632	291/342 = 85,1%	0,247
– outros verbos	568/1.204 = 47,2%	0,475	1.049/1.098 = 95,5%	0,586
Total	686/1.422 = 48,2%	<i>Range</i> 157	1.340/1.440 = 93,1%	<i>Range</i> 339

Tabela 5. Frequência e peso relativo de concordância verbal segundo o tipo de verbo (verbo ‘ser’ e outros verbos), na amostra do PB e do PE

Nossas expectativas se confirmaram apenas para a amostra do PE, com o verbo ‘ser’ desfavorecendo a concordância verbal (0,247 de peso relativo). Já na amostra do PB, sentenças com o verbo ‘ser’ favorecem a aplicação da regra de concordância (0,632 de peso relativo). A diferença dos pesos relativos nessa categoria chama a atenção.

Nas gramáticas normativas há sempre uma seção na parte de concordância verbal destinada ao verbo ‘ser’. Rocha Lima (1998: 404), por exemplo, intitula a seção de “concordância especial do verbo ‘ser’”. Como já mencionamos, o ‘ser’ é um verbo que aparece nas mais diversas construções da língua portuguesa: em sentenças apresentacionais, atributivas e equativas. Segundo Castilho (2010: 398-399), é um verbo que desfruta de grande frequência de uso, seja como verbo funcional, seja como verbo auxiliar. Vai dizer ainda que o uso apresentativo de ‘ser’ representa uma sobrevivência de seu uso como verbo pleno.

De fato, é um verbo especial e tem de ser controlado separadamente. Em relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural com o verbo ‘ser’, os nossos resultados evidenciam um comportamento diferente entre o PB e o PE, que necessita de um estudo quantitativo e qualitativo mais detalhado.

► Gênero

A motivação para avaliar o papel do gênero sobre a variação linguística pode ser sintetizada pelas palavras de Rodrigues (1987):

As variedades linguísticas ligadas a sexo aparecem como resultado do fato de a língua, enquanto fenômeno social, estar intimamente relacionada com atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, a eles são atribuídos diferentes papéis e, por isso, deles se esperam padrões de comportamento diferenciados [...]

(Rodrigues 1987: 199)

Segundo Paiva (2004), a primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo se encontra em Fischer (1974 [1958]) em um estudo intitulado *Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant*⁸.

A variável gênero foi selecionada em quinto lugar na amostra do PB e em último lugar na amostra do PE. Os resultados da Tabela 6 mostram que as mulheres utilizam mais a forma padrão do que os homens, nas duas amostras estudadas.

Fatores	Frequência de concordância verbal			
	São Carlos (PB)		Évora (PE)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
– masculino	323/708 = 45,6%	0,410	663/720 = 92,1%	0,430
– feminino	363/714 = 50,8%	0,589	677/720 = 94,0%	0,570
Total	686/1.422 = 48,2%	Range 179	1.340/1.440 = 93,1%	Range 140

Tabela 6. Frequência e peso relativo de concordância verbal segundo a variável gênero, na amostra do PB e do PE

⁸ Influências sociais na escolha de variantes linguísticas.

Esse resultado já era esperado no Brasil, pois vários estudos sociolinguísticos revelam que as mulheres usam mais a forma de prestígio, quando temos uma variante socialmente prestigiada e outra desprestigiada. Com dados do PE, é o primeiro estudo sociolinguístico sobre a variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural que demonstra relevância do gênero. Para avançarmos na discussão, temos de entender o papel das mulheres são-carlenses e das mulheres eborenses na sociedade em que estão inseridas. Além disso, são necessários outros estudos desta natureza em terras lusitanas que atestem a relevância do fator gênero.

A nossa investigação comprova, juntamente com outras, a importância de se controlar a variável gênero nos estudos sociolinguísticos. Contudo, de acordo com Paiva (2004):

A questão que se coloca para o sociolinguista é a de explicar os padrões regulares depreendidos em diferentes pesquisas e a natureza das possíveis diferenças linguísticas entre homens e mulheres. É necessário cuidado para não tomar como fatos indicações que só podem ser interpretadas no plano simbólico.

(Paiva 2004: 39)

► Escolaridade

A variável escolaridade foi selecionada como a mais relevante estatisticamente para a amostra do PB, com o *range* mais alto (762). Já para a amostra do PE, a escolaridade não obteve significância estatística. Resolvemos mostrar os resultados dessa variável nas duas amostras, porque as diferenças encontradas “saltam aos olhos”:

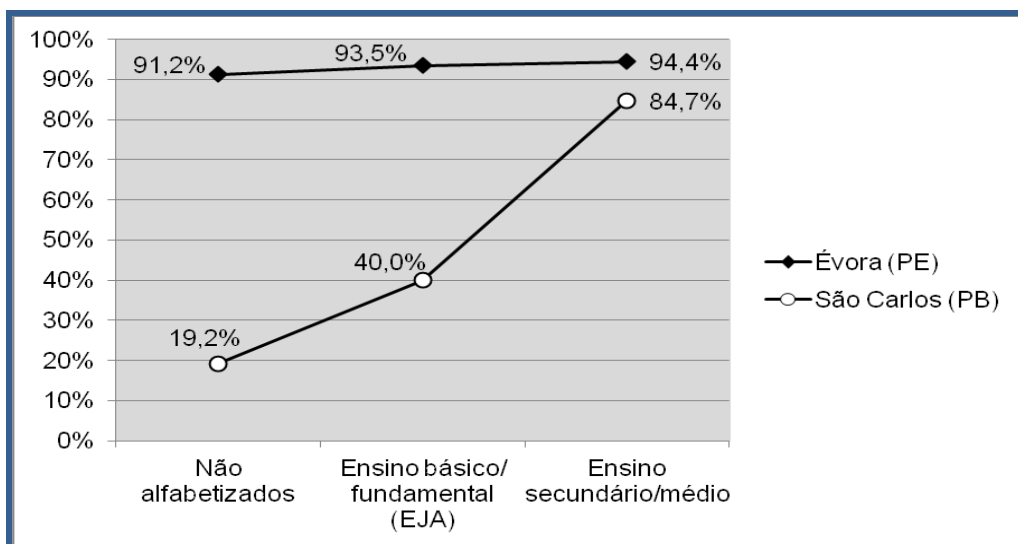


Gráfico 3. Frequência de concordância verbal segundo a escolaridade, na amostra do PB e do PE

A diferença em termos de frequência entre os não alfabetizados das duas amostras é de 72 pontos percentuais. Entre os informantes da faixa intermediária, a diferença é um pouco menor (53,5 pontos percentuais), mas ainda muito significativa. O distanciamento já não é tão acentuado na faixa de informantes com maior escolarização (9,7 pontos percentuais de diferença).

Em termos quantitativos, é possível dizer que os informantes de Évora apresentam uma regra de aplicação da concordância verbal praticamente semicatórica (*cf.* Labov 2003: 243).

Na amostra brasileira, a regra de concordância verbal é, de fato, uma regra variável. Nem mesmo na fala dos jovens com mais escolaridade da nossa amostra a regra se configura como semicatórica.

Essas diferenças, além de surpreendentes, nos fazem refletir sobre a complexa realidade sociolinguística do Brasil. Por que, em Portugal, não há uma polarização como temos no Brasil?

De acordo com Lucchesi, Baxter e Silva (2009: 348), essa polarização sociolinguística ocorre nas diferentes variedades do Português Brasileiro, constituindo um contínuo. O contínuo exemplificado pelo autores tem num extremo as comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, onde o nível de aplicação da regra de concordância é da ordem de 16%, e no outro extremo a norma urbana culta do Rio de Janeiro, com uma frequência de 94% de aplicação da regra (*cf.* Graciosa 1991 *apud* Lucchesi, Baxter e Silva 2009).

O cotejo dos dois extremos do *continuum* constitui prova contundente da polarização sociolinguística do Brasil: enquanto o uso da regra é quase categórico entre falantes urbanos com elevado grau de escolaridade, o nível de variação é elevadíssimo nas comunidades rurais afro-brasileiras [...]

(Lucchesi, Baxter e Silva 2009: 348)

Não encontramos essa polarização sociolinguística apenas entre diferentes variedades do PB. Ela está presente também dentro de uma mesma comunidade de fala, como bem indicam os nossos dados da cidade de São Carlos. Sendo assim, é possível pensar em um contínuo de nível de instrução (*cf.* Brandão e Vieira 2012). Com os índices encontrados na nossa amostra do PB, o contínuo nível de instrução fica assim representado:

– marcas	-----					+ marcas
	Não alfabetizados	Fundamental (EJA)	Fundamental	Médio	Superior	
	19,2%	40,0%	–	84,7%	–	

O contínuo de nível de instrução, proposto por Brandão e Vieira (2012), vem enriquecer a ideia de Bortoni-Ricardo (2004), que propõe três contínuos (contínuo de urbanização; contínuo de oralidade–letramento; contínuo de monitoração estilística) para entender a variação no português do Brasil.

+ rural	-----	+ urbano
+ oralidade	-----	+ letramento
– monitorado	-----	+ monitorado

Não realizamos um estudo sistemático dos nossos dados com base nos quatro contínuos acima mencionados. Entretanto, pensando nos informantes não alfabetizados da nossa amostra do PB, por exemplo, é possível perceber suas características gerais nesses quatro contínuos. São analfabetos, por isso o evento é de oralidade. Hoje vivem na cidade, mas tiveram uma forte relação com a zona rural. Nesses casos, Bortoni-Ricardo (2004) vai dizer que são *rurbanos*⁹, pela forte influência rural na cultura e na língua. Quanto ao contínuo de monitoração estilística, notamos um estilo menos monitorado, devido às características das entrevistas sociolinguísticas.

⁹ Segundo a pesquisadora, a terminologia é da antropologia social.

Os informantes eborenses sem qualquer escolaridade também têm essas características. São senhoras e senhores que não sabem ler nem escrever, tiveram uma forte ligação com a zona rural (nos campos alentejanos), hoje vivem na cidade e as entrevistas sociolinguísticas foram conduzidas da mesma maneira.

Por que, então, essa diferença gritante nas frequências de aplicação da regra de concordância verbal no PB e no PE?

Não conseguiremos responder a essa pergunta se recusarmos o desenvolvimento histórico da sociedade em que a língua é usada. Diante dos nossos resultados, fica muito difícil negar a influência decisiva do massivo contato entre línguas que marca os primeiros séculos da história sociolinguística do Brasil (cf. Lucchesi 2003, 2006, 2008; Lucchesi e Baxter 2009).

Nesse cenário histórico de polarização sociolinguística, os processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas teriam ocorrido na formação histórica da norma popular brasileira e só indiretamente, mediante o que os sociolinguistas têm chamado de *contato dialetal*, afetaram o desenvolvimento histórico da norma culta brasileira, podendo explicar também por que são tantas as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, mesmo quando a observação se atém aos falantes ditos cultos.

(Lucchesi 2008: 368)

4. REFLEXÕES FINAIS

Os nossos resultados com dados do Português Europeu revelam uma significativa diferença quantitativa em relação aos nossos resultados com dados do Português Brasileiro. Na amostra do PB, encontramos 48,2% (686/1.422) de presença de concordância verbal. Já na amostra do PE, 93,1% (1.340/1.440) dos dados trazem a marca explícita de plural nos verbos. De acordo com a tipologia de regras apresentada por Labov (2003: 242), podemos afirmar que no Português do Brasil a regra é efetivamente variável. No Português de Portugal, a regra é semicategórica.

Em relação ao PE, sabemos que há divergências quanto à seleção das variáveis, isto é, nem sempre as mesmas variáveis são significativas nos diferentes *corpora*. Entretanto, a posição do sujeito/SN em relação ao verbo e o traço semântico do sujeito/SN foram as únicas variáveis selecionadas nos cinco trabalhos com dados do PE que utilizaram o programa Goldvarb¹⁰. Vejamos:

Trabalhos sobre concordância verbal em diferentes <i>corpora</i> do PE	Variáveis selecionadas
Oito textos portugueses medievais (Naro e Scherre 2007)	– Saliência fônica verbal – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN
Lisboa	– Traço semântico do sujeito/SN – Posição do sujeito em relação ao verbo

¹⁰ Varejão (2006) utilizou o programa Goldvarb, mas não apresentou resultados em termos de pesos relativos. Os demais trabalhos (cf. Carrilho 2003; Mota e Vieira 2008; Gandra 2009; Almeida 2010; Vieira 2012; Brandão e Vieira 2012) apresentaram uma análise qualitativa das ocorrências de ausência de concordância verbal.

(Monguilhott 2009)	<ul style="list-style-type: none"> – Tipo de verbo – Idade/escolaridade
Funchal – Ilha da Madeira (Bazenga 2011)	<ul style="list-style-type: none"> – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN – Saliência fônica verbal – Escolaridade
CRPC – Portugal (Rubio 2012)	<ul style="list-style-type: none"> – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN – Tipo estrutural do sujeito/SN
Évora (resultados do presente trabalho)	<ul style="list-style-type: none"> – Posição do sujeito/SN em relação ao verbo – Traço semântico do sujeito/SN – Tipo estrutural do sujeito/SN – Tipo de verbo (verbo ‘ser’ <i>versus</i> outros verbos) – Saliência fônica verbal – Gênero

Quadro 6. Variáveis selecionadas em diferentes *corpora* do PE

Até mesmo os trabalhos que não utilizaram a análise multivariada do programa Goldvarb, mas que fizeram uma análise qualitativa dos dados de ausência de concordância encontrados no PE destacaram a posposição do sujeito/SN como um contexto estrutural favorável ao cancelamento da marca de plural nos verbos. Mas, de acordo com Brandão e Vieira (2012: 1056), “há que se questionar o estatuto dessas construções quanto à identidade do sujeito”. No PB, desde o trabalho pioneiro de Eunice Pontes (1986), vários estudos vêm questionando o estatuto do SN posposto ao verbo. Lembramos que, nos casos dos SNs introduzidos pelos verbos apresentacionais, Castilho (2010: 288), na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, propõe classificá-los como absolutivo. Castilho (2010) e Bagno (2011) argumentam que esses sintagmas nominais não têm propriedades sintáticas de sujeito nem de objeto. Acreditamos que essa interpretação seja válida para o Português de Portugal também. Se considerarmos que a concordância verbal é entendida como um processo ligado à identificação do sujeito, a ausência de marcas de concordância com tais SNs pospostos seria previsível, dado o seu estatuto sintático. Esse contexto não diferenciaria, então, o PB e o PE.

Os estudos descritivo-comparativos como este podem contribuir nas discussões sobre as origens do Português do Brasil. Um fato que nos parece inquestionável é que o massivo contato entre línguas na história de nossa formação sociolinguística pode constituir a principal justificativa para as notáveis diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Evanilda Marins. 2010. *Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Bagno, Marcos. 2011. *Gramática pedagógica do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Bazenga, Aline Maria. 2011. Concordância verbal e variantes de 3ª pessoa do plural em PE: resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de português falado no Funchal em A. S. Silva, A. Torres e M. Gonçalves (orgs.), *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa: 302-318.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 2004. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*, São Paulo, Parábola Editorial.

- Brandão, Silvia Figueiredo e Silvia Rodrigues Vieira. 2012. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português, *Alfa: Revista de Linguística*, 56 (3): 1035-1064.
- Carrilho, Ernestina. 2003. Ainda a “unidade e diversidade da língua portuguesa”: a sintaxe, em I. Castro e I. Duarte (eds.), *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 2: 19-41.
- Castilho, Ataliba Teixeira de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*, São Paulo, Contexto.
- Fischer, John L. 1974. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas, em M. S. V. Fonseca, M. F. Neves (orgs.), *Sociolinguística*, Rio de Janeiro, Eldorado: 87-98. (Coleção Enfoque 3).
- Gameiro, Maria Beatriz. 2009. *A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.
- Gandra, Ana Sartori. 2009. A concordância verbal no português europeu rural, em K. Oliveira, H. F. Cunha e Souza, L. Gomes (orgs.), *Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*, Salvador, EDUFBA: 142-161.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Labov, William. 1994. *Principles of linguistic change*, Malden, Blackwell Publishers, v. 1: Internal factors.
- Labov, William. 2001. *Principles of linguistic change*, Malden, Blackwell Publishers, v. 2: Social factors.
- Labov, William. 2003. Some sociolinguistic principles, em C. B. Paulston e G. R. Tucker (eds.), *Sociolinguistics: the essential readings*, Malden, Blackwell Publishing: 234-250.
- Labov, William. [1972] 2008. *Padrões sociolinguísticos*, Tradução M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lemle, Miriam e Anthony Julius Naro. 1977. *Competências básicas do português*, Relatório final da pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, Rio de Janeiro, Mobral, Fundação Ford.
- Lucchesi, Dante. 2003. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil, em C. Roncarati e J. Abraçado (orgs.), *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*, Rio de Janeiro, 7Letras: 272-284.
- Lucchesi, Dante. 2006. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro, *Revista da ABRALIN*, 5 (1-2): 83-112.
- Lucchesi, Dante. 2008. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto, em C. Roncarati e J. Abraçado (orgs.), *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*, Niterói, EdUFF: 366-390.
- Lucchesi, Dante e Alan Baxter. 2009. A transmissão linguística irregular, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O português afro-brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 101-124.
- Lucchesi, Dante, Alan Baxter e Jorge Augusto Alves da Silva. 2009. A concordância verbal, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (orgs.), *O português afro-brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 331-372.
- Monguilhott, Isabel de Oliveira e Silva. 2009. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Inédita.
- Monte, Alexandre. 2007. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.
- Mota, Maria Antónia e Silvia Rodrigues Vieira. 2008. Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo, em C. A. Gonçalves e M. L. L. Almeida (orgs.), *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*, Rio de Janeiro, AILP – UFRJ: 111-137.
- Naro, Anthony Julius. 1981. The social and structural dimensions of a syntactic change, *Language*, 57 (1): 63-98.
- Naro, Anthony Julius e Miriam Lemle. 1977. Syntactic diffusion, *Ciência e Cultura*, 29 (3): 259-268.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 1999. Influência de variáveis escalares na concordância verbal, *A cor das letras*, Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana: 17-34.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 2000. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto, em S. Große e K. Zimmermann (eds.), *O português brasileiro: pesquisas e projetos*, Frankfurt am Main: TFM, v. 17: 166-188.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial.
- Naro, Anthony Julius e Maria Marta Pereira Scherre. 2010. Fluxos e contrafluxos – movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira, em M. C. M. Mollica (org.), *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 79-90.
- Neves, Maria Helena de Moura. 2001. As gramáticas: o usuário e a norma, em Encontro Nacional Sobre Gramáticas Do Português, 1., 2001, Recife. *Anais...* Recife, UFPE: 28-46.

- Paiva, Maria da Conceição de. 2004. A variável gênero/sexo, em M. C. Mollica e M. L. Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 2. ed. São Paulo, Contexto: 33-42.
- Pontes, Eunice. 1986. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, São Paulo, Ática, 1986.
- Rocha Lima, Carlos Henrique da. 1998. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 36. ed, Rio de Janeiro, José Olympio.
- Rodrigues, Angela Cecília de Souza. 1987. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Rubio, Cássio Florêncio. 2008. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. Inédita.
- Rubio, Cássio Florêncio. 2012. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*, Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. Inédita.
- Scherre, Maria Marta Pereira e Anthony Julius Naro. 1998. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português, *Fórum linguístico*, 1 (1): 45-71.
- Scherre, Maria Marta Pereira e Anthony Julius Naro. 2000. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples, em S. Große e K. Zimmermann (eds.), *O português brasileiro: pesquisas e projetos*, Frankfurt am Main, TFM, v. 17: 135-165.
- Tagliamonte, Sali A. 2006. *Analysing sociolinguistic variation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Tagliamonte, Sali A. 2007. Quantitative analysis, em R. Bayley, C. Lucas (eds.), *Sociolinguistic variation: theories, methods and applications*, Cambridge, Cambridge University Press: 190-214.
- Varejão, Filomena de Oliveira Azevedo. 2006. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Vieira, Silvia Rodrigues. 1995. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do norte fluminense*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Vieira, Silvia Rodrigues. 2012. Estatuto da regra variável e o fenômeno da concordância verbal em variedades de português, em Congreso Internacional de la ALFAL, XVI., 2011, Alcalá de Henares. *Actas...* Alcalá de Henares, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá: 4376-4383. Disponível em: <<http://alfal2011.mundoalfal.org/>>.
- Weinreich, Uriel, William Labov e Marvin I. Herzog. 1968. Empirical Foundations for a theory of language change, em W. P. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin-London, University of Texas Press: 95-195.